

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

ALUNO
Esdras dos Santos Fernandes / 913799-8

ORIENTADOR
Prof. José Sales

ABORDAGEM
Arquitetura doméstica / Habitação unifamiliar

TÍTULO
Residência da Família Rêgo

Fortaleza (CE), 14 de agosto de 1997.



TRABALHO FINAL DE GRADUAÇÃO

ESDRAS
SANTOS
FERNANDES

Poucas vidraças: as janelas são fechadas com venezianas freqüentemente articuladas ou com elementos vazados de pedra ou terracota. Sentir frio, ou encerrar-se na obscuridade ou no foco estreito de luz intensa das numerosas lâmpadas de azeite.

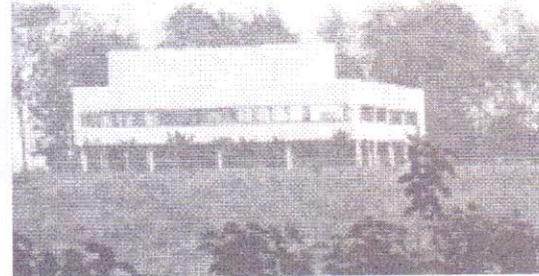
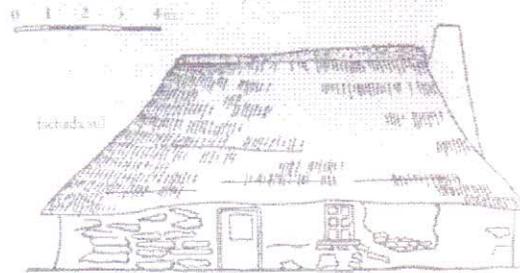
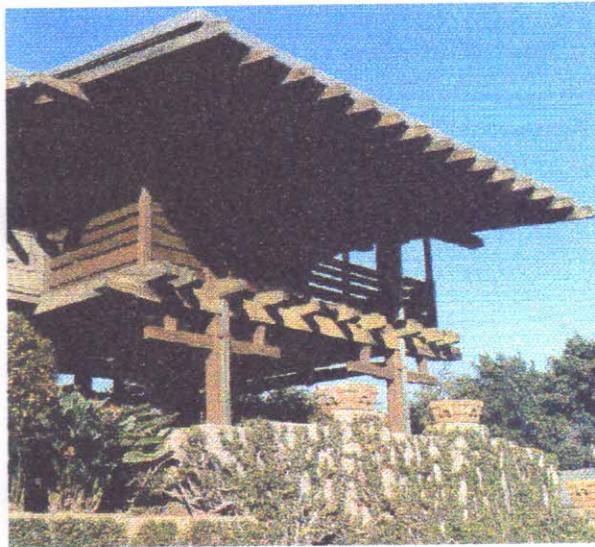
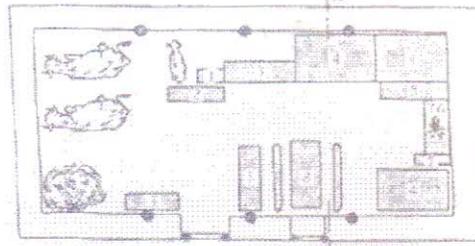
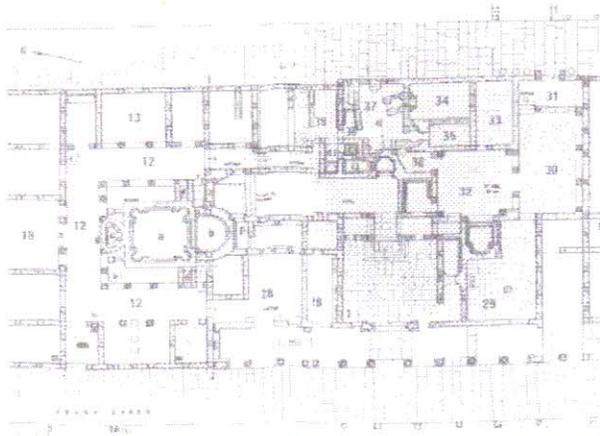
Nada de chaminés, nada de fogões. O calor da lareira onde crepitava um belo fogo cuja fumaça saía por um buraco no teto constituía paradoxalmente um dos celebrados prazeres da rude existência rural, quando a neve cobria os campos. Todavia, em certas regiões do Império, a arquitetura rural criara tipos de moradias com aquecimento ambiental eficaz (assim em Pérgamo, na Turquia, segundo detalhado testemunho de Galeno). Mas na Itália, nas cidades, era como ainda é na atual Pompéia, nesse rude inverno de 1984, em que as portas das lojas ficam negligentemente abertas porque faz frio tanto dentro como fora. Então, como hoje, vivia-se agasalhado, na rua ou em casa, e ia-se para a cama inteiramente vestido. No entanto, como hoje, no interior das casas urbanas, braseiros ardem cá e lá; não conseguem aquecer o ambiente, mas de vez em quando as pessoas procuram o círculo estreito de seu calor.

Pouco mobiliário. A família canônica e poética de nossos móveis, essas arquiteturas de madeira em miniatura que são nossos armários, cômodas, baús, "bufê dos velhos tempos que conhece muitas histórias", não existe. Alguns leitos para dormir ou fazer as refeições, mesinhas redondas de três pés, alguns armários, cadeiras, prateleiras; de madeira, pedra, mármore ou bronze. E lampadários. Parecem-se mais com nossos móveis de jardim do que com a mobília dos interiores.

A arquitetura privada da classe proprietária, essas domus que são mais "palacetes" que "casas", é uma das mais belas criações da arte grega e romana. A morada é antes de tudo um amplo espaço vazio que percebemos ao penetrar no centro do edifício e às vezes já desde o limiar: uma fileira não de salas fechadas, mas de espaços: pátio coberto, átrio, jardim com jorros de águas; mais espaços vazios do que cheios. Espaço, perspectivas: "a casa samnita" de Herculano desvenda sua estrutura interna ao primeiro olhar e respira-se à vontade em seu volume vazio. Ao redor desse vazio claramente se dispõem quartos tão pequenos que surpreendem pelo tamanho; cada um se retira a sua cela para dormir ou ler, mas todos vivem nos vazios centrais, para os quais se abrem em toda a sua amplitude as salas de refeições como caixas às quais se retirou uma das quatro faces.

Há mais. Seja a casa rica ou não, uma decoração de cores vivas recobre os pisos, as paredes e os tetos com mosaicos, estuques e pinturas decorativas ou mitológicas; fantásticas arquiteturas pintadas abrem nas paredes espaços imaginários. Não imaginemos o esplendor de aposentos principescos, mas antes o feérico colorido de um teatro para contos de fadas; aqui reina a imaginação, não a pompa. Ora é de um mau gosto gritante, ora de uma harmonia suntuosa na audácia. Quando pensamos no que foi tal sociedade, em suas relações sociais, em seu civismo pesado e em seu comportamento rígido, nada é mais imprevisível que essas festas domésticas da imaginação e da cor, em que seria supérfluo procurar significados alegóricos: vivia-se tal festa sem a detalhar com o olhar. E a decoração contava mais que o mobiliário. Acrescentavam-se esculturas de interior em tamanho reduzido: nossos museus estão cheios delas.

Paul Veyne



Uma Breve História

A residência unifamiliar é a mãe dos espaços arquitetônicos, uma junção de várias gerações de estudos sobre a formulação de espaços e características de um povo.

O homem, no decurso de seu desenvolvimento, tem manifestado diferentes formas de habitar. Os aspectos estilísticos de suas edificações transformam-se à medida em que seu corpo e alma evoluem.

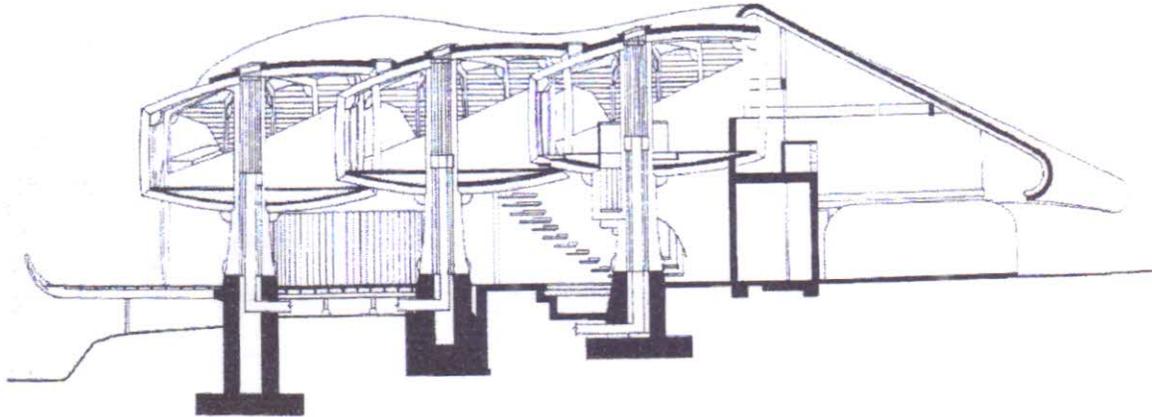
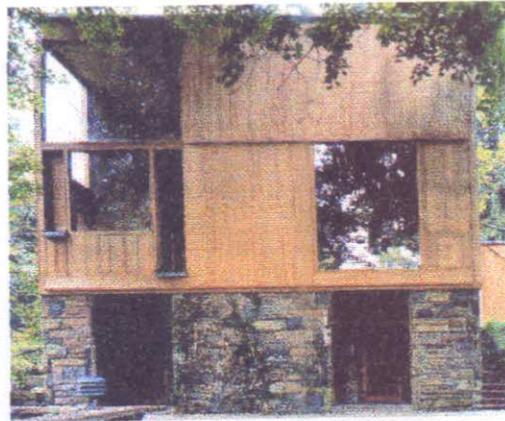
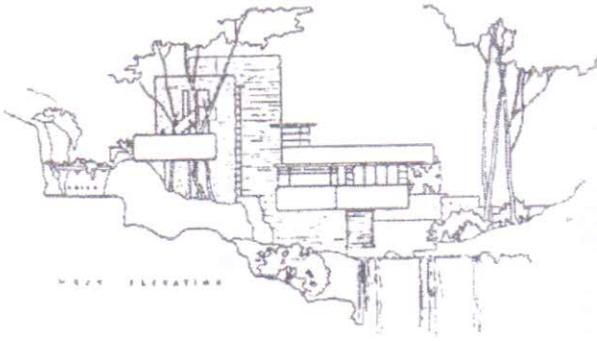
Na pré-história, o homem mesmo em condições de vida totalmente selvagens, já nutria o desejo de abrigo constante, uma das primeiras demonstrações de evolução. Ele fazia suas choupanas e entradas em cavernas até enfim, desenvolver o espírito de comunidade, passando a viver em aldeamentos que teriam seu ápice na Roma antiga.

Alcança então, grandes progressos gerais - dentre eles o construtivo - começa a tirar partido das fontes naturais de subsistência, demonstra habilidade em procurar soluções para seus problemas, a exemplo dos aquedutos que criou para suprir sua falta de água potável, e espaços subdivididos em sua casa para lhe facilitar o novo convívio familiar, agora com freqüentes acontecimentos sociais.

Essa casa romana era representada do mais frio e enfumaçado amontoado de pedras até às casas de aspecto nobre, com seus motivos gregos, jardins com fontes d'água, opulentos espaços vazios com seus adornos e mosaicos mitológicos e suas esculturas coloridas ocupando os cantos inúteis.

Esta residência romana de 1366 metros quadrados nasceu da fusão de vários lotes: vestibulo com portas tripartidas; peristilo com pátio ocupado essencialmente por jardineiras.

"Casa longa" em Plumelin. Prolongamento, até a época contemporânea, do hábitat misto - homens e animais sob um mesmo teto - comum na Idade Média. (Segundo R. Fossier)



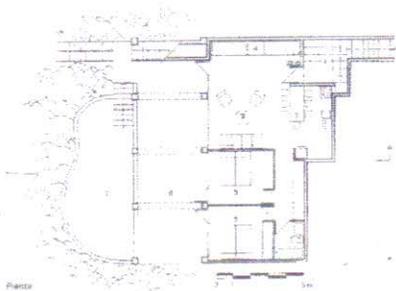
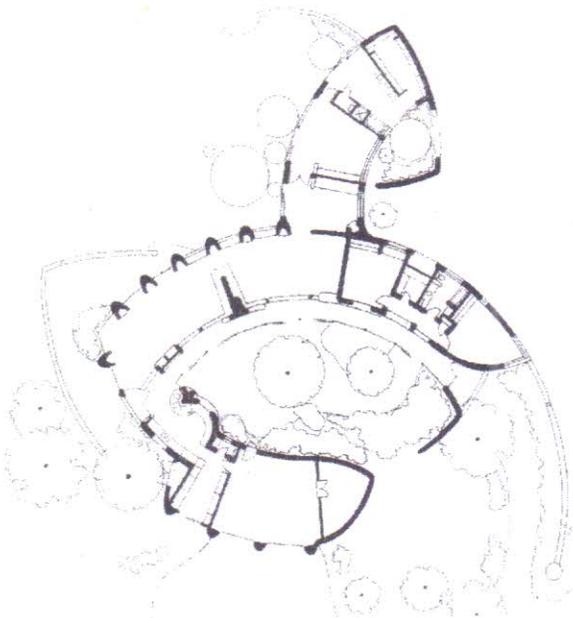
Com a decadência desse enorme império, ocorreu sua fragmentação e uma nova e prolongada fase de constantes guerras por domínio territorial, caracterizando a arquitetura domiciliar desse período com as chamadas casas-fortaleza. Nesse período, denominado "Idade Média" o homem foi condenado a viver em fortificações, e nelas adaptar seu modo de vida. Não se abriam janelas por temor a assaltos ou incursões de projéteis, as portas eram estreitas, pesadas, e, quando servindo de acesso principal, situavam-se distantes do solo em altura ou dotadas de incontáveis obstáculos.

Os difíceis acessos à residência, o aspecto tosco, sua implantação, enfim, todo esse desconforto levou o homem a desenvolver, com o passar dos séculos, além de suas tão sonhadas novas fronteiras territoriais, consciência da necessidade urgente de espaços saudáveis, iluminados. Observou assim os benefícios da ventilação e renovação do ar como pontos fundamentais à saúde e os ratos, pulgas e percevejos deixaram de ser considerados acontecimentos naturais. O homem saía das sombras, despertava o espírito científico, sua cultura via-se em um enorme horizonte de possibilidades. A renascença designa essa etapa do desenvolvimento mundial, pela ampliação dos conhecimentos, a afirmação das artes, a transformação dos costumes e com eles, as novas formas de moradia, seus espaços distintos amplos e arejados: a cozinha, os dormitórios, cada qual com seus limites definidos.

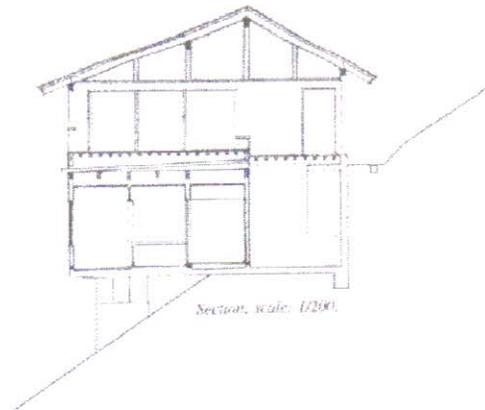
Casa Kaufmann, 1935.
Bear Run, Pensilvânia - EUA
Arquiteto Frank Lloyd Wright

Casa Norman, 1967.
Pensilvânia - EUA
Arquiteto Louis Isidore Kahn

Residência no Estado da Califórnia - EUA
Arquiteto Bart Prince



- Planta
1. Plano
 2. Cozinha detal
 3. Dormitório principal
 4. Dormitório
 5. Varanda
 6. Piscina
- Implantação
1. Estabelecimento
 2. Casa existente
 3. Casa proposta
- Corte
1. Casa
 2. Varanda
 3. Piscina



"A vida privada deve ser cercada de muros. Não se permite esquadrihar e revelar o que se passa na residência de um particular", escreveu um pensador em relação aos conceitos de moradia em 1863. A revolução industrial abre as portas para uma definitiva transformação social no limiar da virada do século. As casas com suas variantes verticais são enfaticamente desenvolvidas, surgem as mansões, encantos burgueses de insólitas arquiteturas, que abrigam antigas famílias ou os "novos-ricos" e sua incandescente imaginação. A industrialização traz para os lares um antigo e até então marginalizado equipamento domiciliar: o banheiro. Assim como as cidades, as casas são agora dotadas de higienização, contribuindo certamente para o refinamento humano.

Com a democratização do saber, criam-se instituições e novas leis regem novos costumes, a modernidade aproxima-se cada vez mais, revoluciona a sociedade de maneira jamais vista até então. Nas casas, os espaços são redimensionados, seus equipamentos redefinidos, a evolução humana acelera-se, os espaços são especializados, a cozinha, a área de serviço, o estar, os dormitórios, banheiros, tudo dotado de novos e emocionantes aparelhos eletro-eletrônicos. Surge o automóvel - antes restrito a poucos privilegiados - como mais novo complemento à vida doméstica, as garagens, são agora, exigências de ordem primeira.

Os meios de comunicação multiplicam-se em gênero e número, interligando culturas de todos os pontos do planeta, disseminando informação a passos largos. A casa torna-se alvo de aprimoramentos que lhe projetará a uma nova etapa na história da humanidade.

Casa Klopfer, Novo México - EUA
Arquiteto Charles Johnson

Residência do Arquiteto
Buenos Aires, Argentina.
Arquitetos Miguens e Prati Lacroze

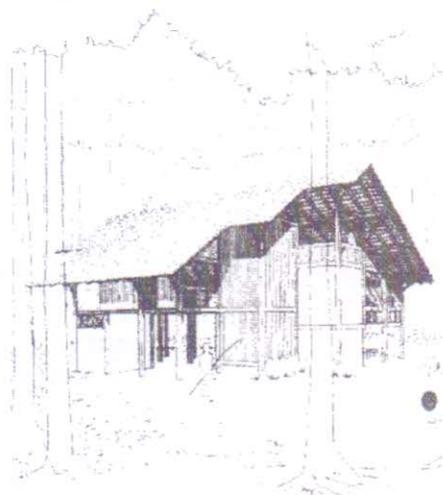
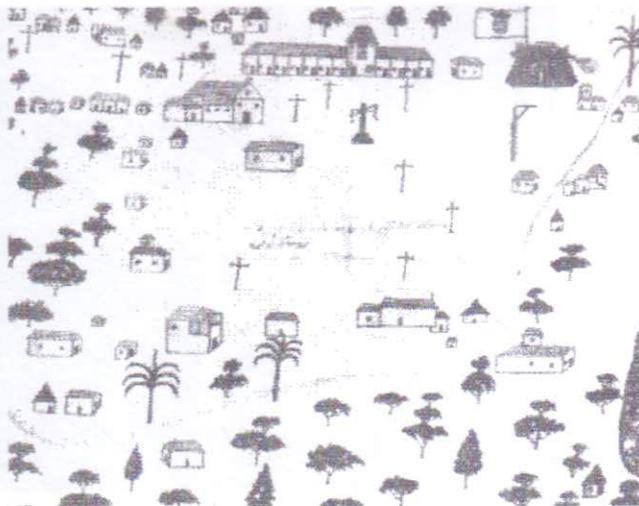
Casa de Veraneio em Zapallar, Chile.
1985
Arquiteto Enrique Browne

Residência em Ito, Japão.
1995
Arquiteto Hiroshi Naito

Entremos em uma dessas casas. É fácil. A porta da rua está aberta. No vestíbulo, por onde se entra, encontra-se um negro velho, trançando um chapéu de palha. Queremos falar ao dono da casa. Ele nos conduz a uma escada reta, iluminada pelo alto, e nos precede. Em cima, a escada é fechada por uma porta vazada. O negro toca a sineta. Uma figura de mulher negra ou fortemente bronzeada em breve aparece entre as grades. Depois de algumas palavras trocadas com o introdutor, ela vai ver se o senhor está casa, Passos de crianças atravessam o corredor; ouve-se o farfalhar de um vestido de mulher; e, depois de uma espera mais ou menos longa, a porta se abre, enfim. Conduzem-nos à sala da frente, onde o dono da casa nos espera com todo o cerimonial.

As paredes da sala são caiadas; os elementos de madeira, pintados de cinzento claro. O mobiliário é dos mais simples. No meio, há uma mesa redonda, sustentada por uma coluna maciça, de onde partem três pés trabalhados com mais ou menos gosto. À esquerda, ao longo da parede, um canapé de madeira escura, com assento de palhinha, onde se acha instalado o dono da casa, e, aos lados, estão simetricamente dispostas as cadeiras de construção semelhante à do canapé. Algumas vezes, nos alizares, entre as janelas da fachada, vêem-se estreitos consolos ou mesas de jogo com tampo retangular; depois, a um ângulo, pendurada obliquamente em dois ganchos, uma rede que acaba de ser usada e que balança ainda. O dono da casa se ergue e nos recebe cortesmente. Faz-nos sinal para nos sentarmos às cadeiras apoiadas no canapé. Instalemo-nos e conversemos. A porta da alcova está fechada cuidadosamente e não ouvimos ruído algum. Mas, se aí lançássemos um olhar, veríamos a momentos erguer-se uma das cortinas de musselina que guarnessem por dentro as folhas envidraçadas, e avistaríamos alguma fisionomia esperta que examina curiosamente os visitantes. São as crianças da casa, por vezes o própria dona da casa, que passam pelo pequeno corredor dissimulando entre as alcovas, atrás do vão da escada. E como verificam semos franceses pela fala e pelos gestos, prestando atenção ouvireis em breve alguns risos sufocados que vos provarão que, se o que é novo é belo entre nós, no Brasil, o que não se vê habitualmente parece ridículo.

L.L. Vauthier



Feia e Forte, a casa brasileira.

Mais especificamente nas américas, onde o desenvolvimento da arquitetura domiciliar merece destaque pelo fato da colonização, várias diferentes culturas deixaram marcadas suas peculiaridades para sempre nesse novo continente, definiram-se estilos de acordo com cada região e seus costumes pré-existentes.

O Brasil é, dentre outros, o resultado dessa gigantesca miscigenação, forma um mosaico de raças e culturas de grande complexidade e beleza. Andando pelas ruas pode-se notar a presença árabe das treliças em madeira, a portuguesa com seus azulejos, os telhados franceses, os acolhedores espaços italianos, e também as várias colônias estrangeiras formando pequenas cidades internacionalizadas. O Brasil é com certeza, o expoente máximo dessa mistura iniciada na metade do século XVI, com o estabelecimento do Governo Geral Português e a fundação da cidade de Salvador.

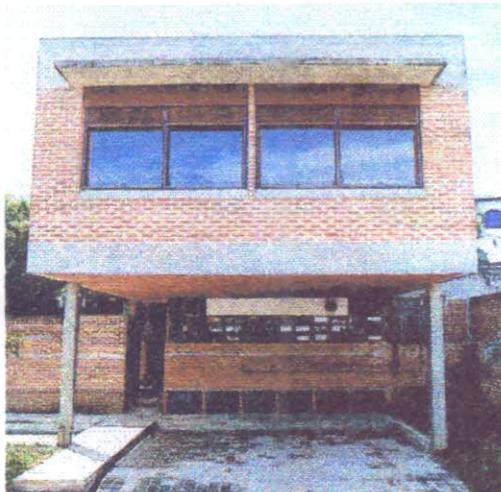
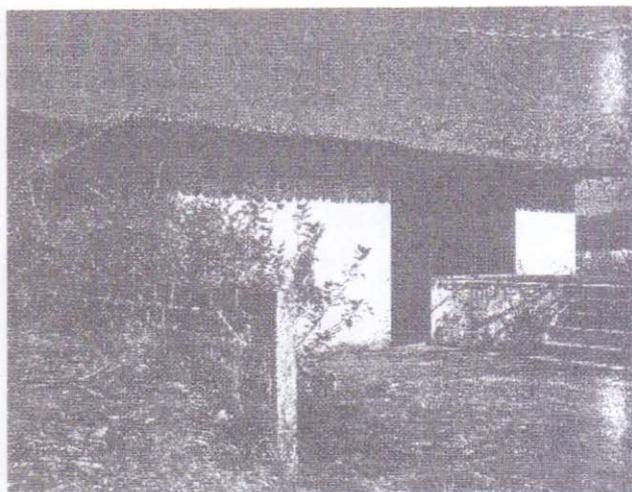
Suas primeiras cidades e casas eram tipicamente medievais, de ruas em ladeiras tortuosas e íngremes, e de súbitas declividades, raros eram os edifícios feitos em alvenaria e telhas, as casas eram de pau-a-pique, cada casa tinha apenas uma porta e uma janela, isto é, a unidade básica de habitação nas cidades coloniais brasileiras. Com o decorrer dos tempos são levantadas notáveis construções, revelando extrema solidez, principalmente no século XVIII onde a construção de casas toma um impulso extraordinário, são erguidas em todo o país começando um período chamado estilo "colonial".

Fortaleza, Ceará.
1730
Arquivo Histórico Colonial de Lisboa.

Residência em Canoas, Rio de Janeiro.
1953
Arquiteto Oscar Niemeyer.

Residência em Barreirinha, Amazonas.
1979-83
Arquiteto Lúcio Costa.

Residência em Taramã Açu, Amazonas.
Arquiteto Severiano Mário Porto



Suas plantas eram simples, tornando-se melhores à medida que eliminavam espaços sem utilidade, existia a loja com o depósito adjacente, e os quartos de escravos ou de hóspedes; o saguão de entrada; a grande sala, de frente, e em comunicação direta com a varanda da fachada; o corredor com as filas de quartos ou alcovas; a grande sala de jantar e estar aos fundos, com escada externa para o quintal; a cozinha, ampla, com seu forno a lenha, de chão batido, calçado de pedras ou assoalhada com tábuas largas.

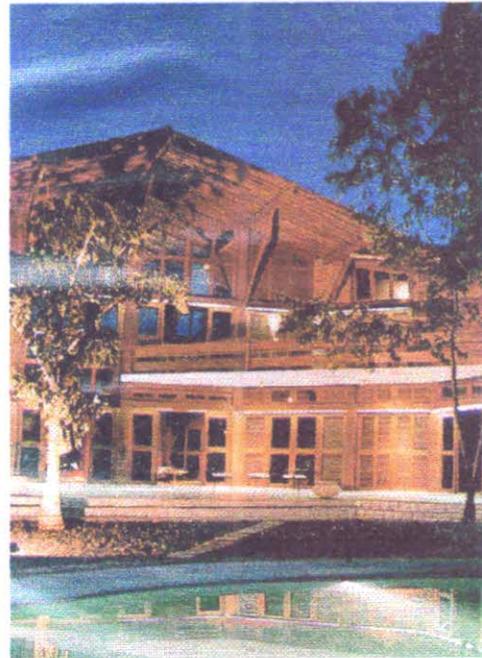
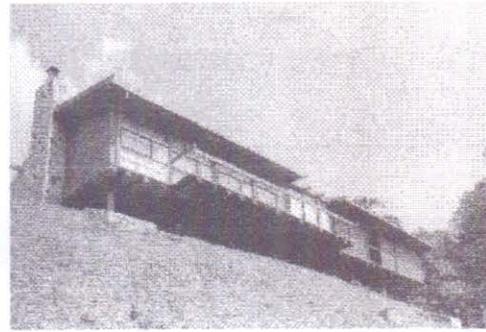
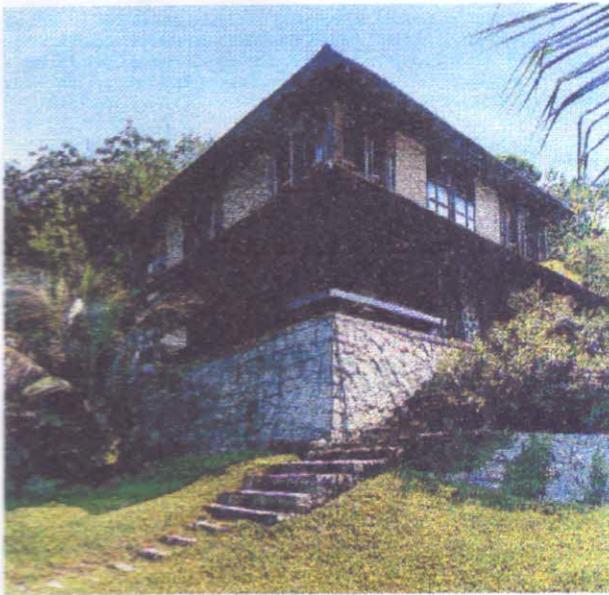
Os portugueses conseguiram implantar com firmeza, sua arquitetura tradicional de origem na terra nova, impuseram uma linha de desenvolvimento que manteve-se até o fim do período colonial. As casas rurais de Portugal - com suas paredes lisas, telhados simples, às vezes uma varanda, quase sempre uma chaminé de uma lareira - tinham servido de modelo às casas rurais brasileiras. A arquitetura urbana de pedra e cal do Renascimento Português, com seus robustos cunhais à moda de pilastras dóricas, e suas guarnições de portas e janelas da maior simplicidade, fora empregada nos edifícios públicos e casas de todas as povoações primitivas ao longo da costa.

Residência em Ubatuba, SP.
1974
Arquiteto Paulo Mendes da Rocha

Residência em São Paulo, SP.
Arquiteto Marcos Acaiaba

Residência em São Paulo, SP.
Arquiteto Luis Fernando Rocco

Residência em Mairiporã, SP.
Arquitetos Beni Skitnevsky
José Antônio Varanezi
Mário Emílio Luppi



As casas antigas do Brasil são muito simples, desprovidas de adornos, deixam para a história uma pequena lição sobre adaptação e funcionalidade.

Poderiam ter, os colonizadores, adotado aos trópicos o exemplo das casas de regiões desérticas mouriscas, com seus terraços altos para receberem a frescura da tarde, seus pátios cercados de pórticos formadores de sombra, e fontes de água amenizadoras da temperatura, seria a primeira vista uma excelente moradia no Brasil.

A casa brasileira não comporta combinações tão requintadas, basta somente garantir a ventilação e nada mais se exige dela. Seu aspecto rude esconde um conforto interno desenvolvido, sua fealdade nada mais é do que a verdadeira beleza desmascarada.

Nada mais justo que o tempo para corrigir distorções ou afirmar acertos, a casa brasileira tem se desenvolvido e mostrado ao mundo suas virtudes, tem afirmado a condição de simplicidade do seu programa com belíssimos exemplos, incorporando todas as informações culturais recebidas, e as devolvendo reinterpretadas, adequados ao cotidiano do seu povo, com criatividade.

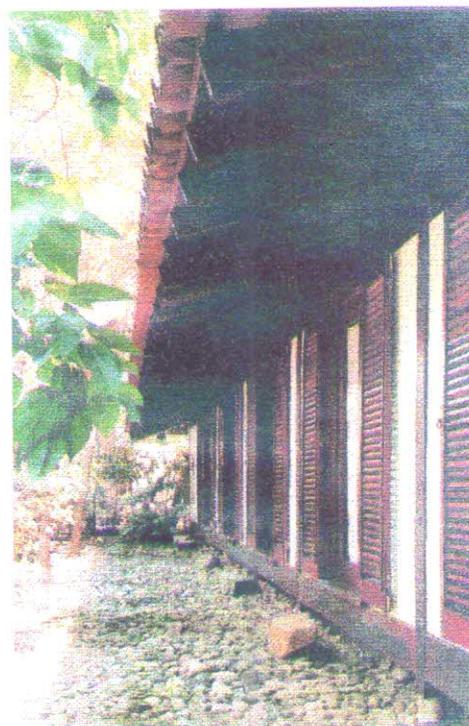
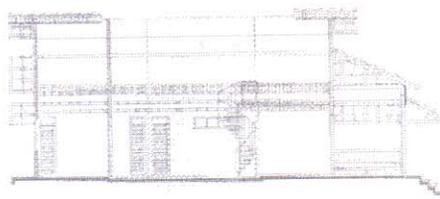
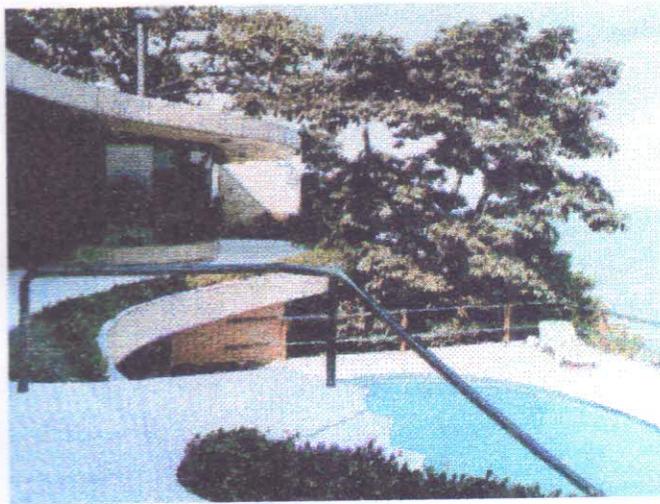
Toma-se cada vez mais consciência de seu papel na vida do brasileiro, diluindo-se aos poucos, a paralizante conformidade de estilos, das "inspiradoras" publicações periódicas.

Residência em Praia Vermelha do Sul.
Ubatuba, SP.
Arquiteto Pepe Asbun

Residência em Nova Friburgo, RJ.
1989-90
Arquiteto James Lawrence Vianna

Residência em São Paulo, SP.
1992
Arquiteta Camilla Toledo Fabrini

Residência em Floriano, PI.
Arquiteto Gerson Castelo Branco



Casas são obras de arte em três dimensões, provenientes de aspirações humanas, passíveis de críticas antes da sua concepção final, e ainda ignoradas desses aspectos pela grande maioria da população. Comumente concebidas e usadas como símbolos de status, deixam em segundo plano sua função primeira, acolher, tornando-se assim, com o passar dos tempos, desatualizada em relação aos padrões sociais e em consequência, desinteressantes.

São esculturas de extrema beleza, que nascem a partir de necessidades distintas, transformando-se a cada nova concepção. Assumem características próprias de acordo com cada região: desérticas, temperadas, tropicais ou qualquer outra onde o homem esteja presente.

Uma residência pode tornar-se, bem resolvida, em um local para o descanso do corpo e da alma. Arquitetura residencial, deve proporcionar espaços que dignifiquem a grandeza das coisas vivas e relacionar-se intimamente com as necessidades da humanidade.

A casa, pode e deve permitir ao homem sentir prazer com coisas mais simples: um amanhecer surgindo aos poucos em faixas de luz espalhando-se pelos leitos, as circulações renovando perspectivas a cada passo, a possibilidade de passar dias de chuva sentindo e contemplando todo seu frescor e beleza.

Talvez hoje os padrões de habitação sejam outros, talvez em um futuro muito próximo a moradia seja algo tão simples e ao mesmo tempo complexa, que possa ignorar o seu sítio, independente de padrões técnicos. Porém com certeza existirá sempre a vontade humana de superação, e com ela, felizmente, novas e novas casas.

Residência em Guarujá, SP.
Arquitetos Alfred Talaat
Ronaldo Racy

Residência em Mosqueiro, PA.
1990-91
Arquiteto João Castro Filho

Residência na Praia da Taíba.
São Gonçalo do Amarante, CE.
Arquiteto José Porto

Residência em Ubatuba, SP.
Arquiteta Hebe Bertoncello

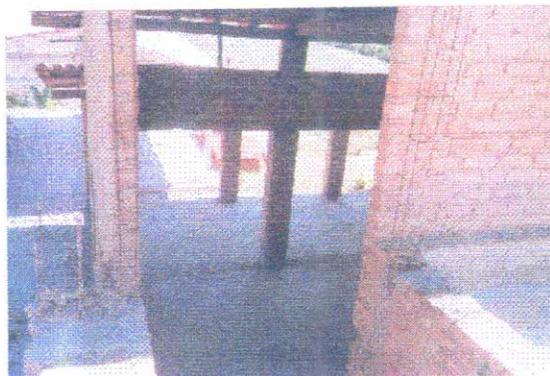
Introdução do TFG

No início, pensei em desenvolver uma residência unifamiliar na serra de Guaramiranga para um casal com filhos já crescidos, casal este que por acaso seriam meus pais. Essa idéia foi logo descartada por não apresentar suficiente embasamento no programa, e também por não ter possibilidades de uma real situação de adequação ao cliente. Por mais dedicados que fossem, meus pais iriam com certeza deixar passar pontos importantes em benefício de uma solução rápida. Precisava de uma situação mais definida, autêntica e se possível, em Guaramiranga.

O tempo foi passando e nenhuma proposta surgia, resolvi então, sacrificar o sítio e dar prioridade ao projeto em si. Foi fácil, minha excelentíssima irmã, recém-casada, construía uma casa de minha autoria e ainda em fase inicial.

Por que não submeter uma obra em andamento, ao projeto final de graduação, se ainda era passível de reavaliações e todos os itens de projeto poderiam ser modificados, desde o estudo preliminar até o detalhe construtivo? Deixar de lado a ficção, e expor meus primeiros passos arquitetônicos em um TFG, me pareceu interessante.

Decidi dar continuidade ao projeto dessa residência, rever os pontos da casa que necessitavam de remodelação, e transformar as exigências feitas a mim pelo casal em "desafios de projeto".



Os proprietários e o programa

Recém-casados, um agrônomo e uma advogada, ambos jovens e com expectativas de filhos, desejavam a princípio:

Um local onde pudessem fazer a ceia matinal ao ar livre, sem insolação;

Possibilidade de construção da casa em etapas;

Uma suíte espaçosa, dois quartos menores e um gabinete;

Implantação em local pré-definido, aproveitando o equipamento existente;

Um amplo espaço de lazer que acolhesse os amigos;

Quartos reservados.

Sítio

Localizado no município piauiense de União, distante 50km da capital Teresina, às margens da estrada de ligação entre essas duas localidades. Com ambiente úmido e de grande calor nas estações secas, e agradável nas estações de chuva. O sítio, constitui-se de uma enorme área de mata nativa, perpendicular ao sentido da via de rodagem, com palmeiras de várias espécies e tamanhos, na parte mais ao sul existe um pequeno morro onde o casal deseja implantar a casa, tangenciando-lhe as encostas encontra-se uma larga faixa de terra destinada ao cultivo de hortaliças e outras culturas. O restante da área está reservada para futuras plantações.

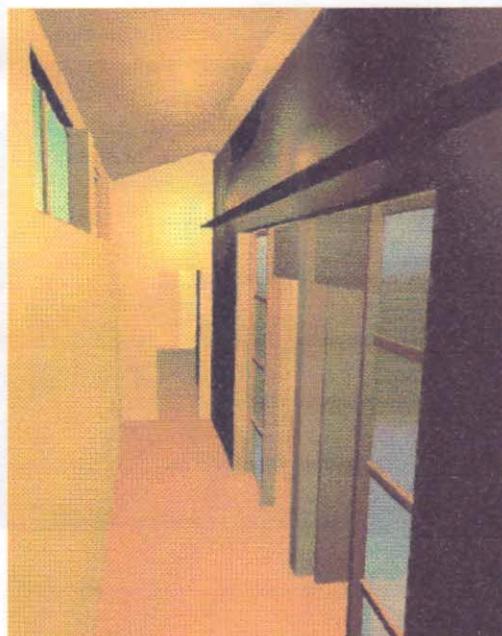
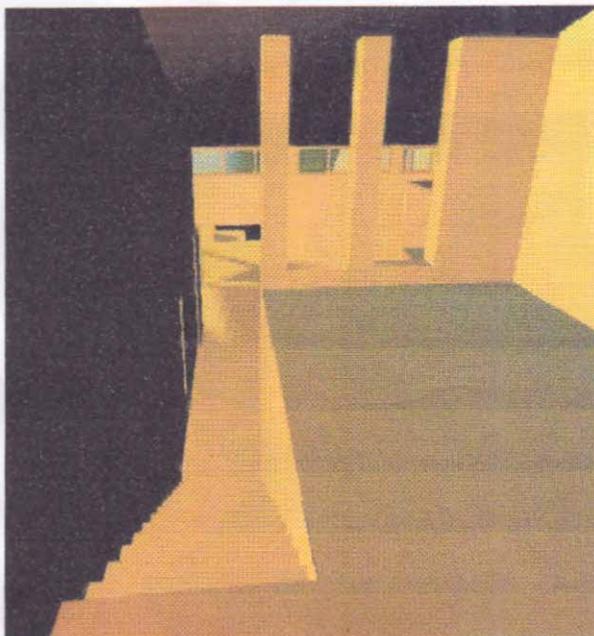
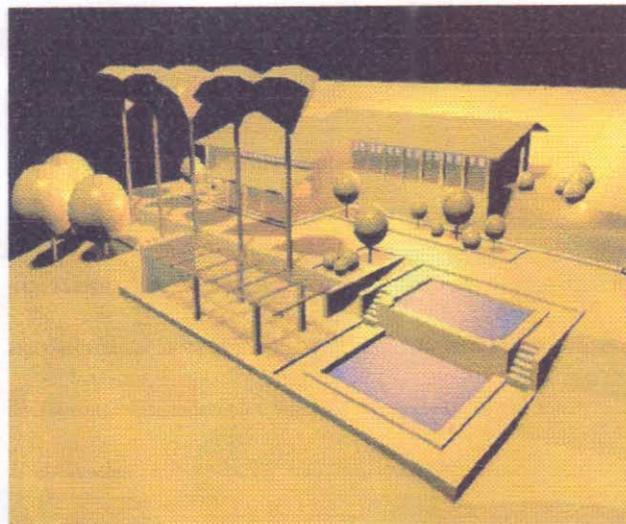
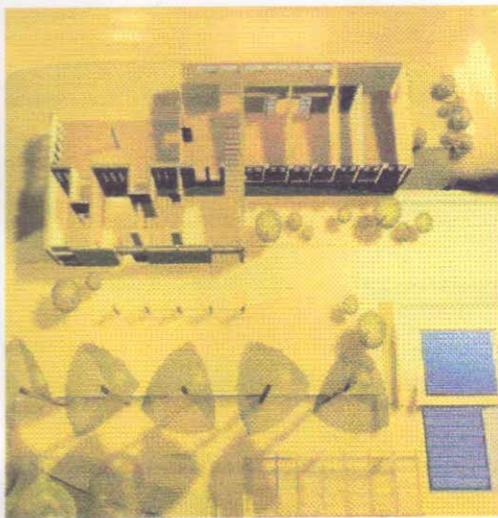
Uma estrada em piçarra leva ao pequeno morro onde havia sido feito um corte e ali construído um grande tanque de irrigação, subdividido em dois menores. Esse corte liberou uma área trapezoidal na encosta do morro, com dimensões insuficientes para acolher a todo o programa residencial desejado.

Corte superior, onde será assentado o bloco que contém os dormitórios, banheiros e gabinete.

O acesso à garagem, que contorna a parte mais a leste da edificação.

Vista geral do terreno, onde se pode notar o desenho do tanque de irrigação pré-existente e a pequena estrada em piçarra.

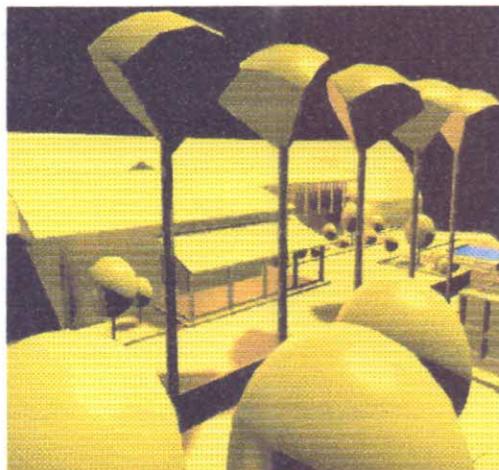
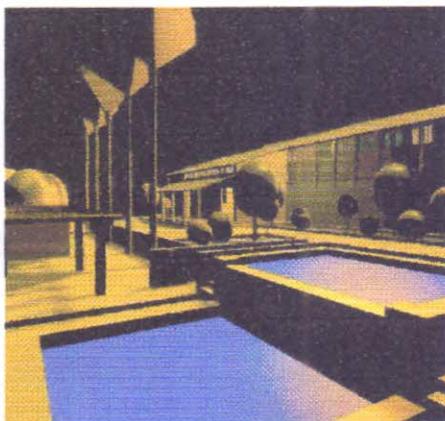
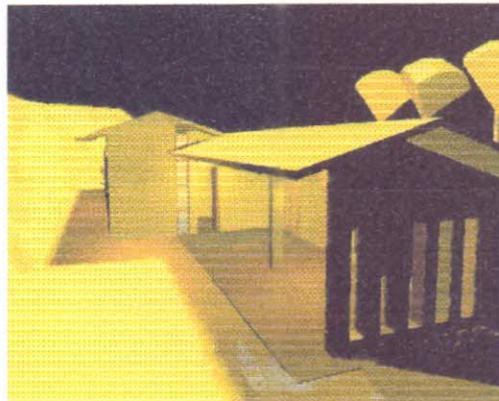
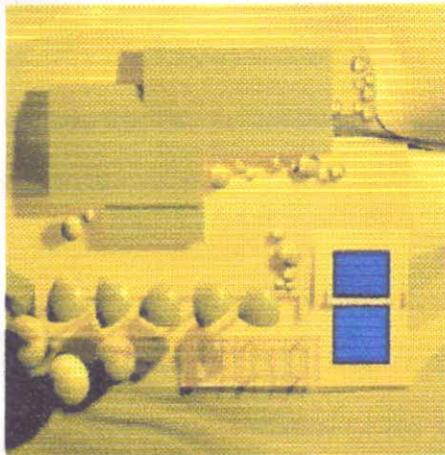
Vista gerada da parte de cima do morro, nas imediações da escada, observando a varanda.



A condição de aproveitamento do equipamento existente, no caso o tanque, aliado à necessidade do casal por uma construção em etapas, conduziram o desenho para uma disposição em dois níveis, uma térrea no mesmo plano do tanque de irrigação superior e outra encostada morro acima.

A parte térrea, primeira a ser construída, abrigará a suíte de casal até a completa execução do projeto, nesta estão contidos também a área de serviços, cozinha, estar e varanda. Basicamente resume-se a um grande salão retangular, com paredes de pouca altura subdividindo seu espaço interno, criando um colchão de ar constantemente renovado sobre seus ambientes. Sua implantação, rente ao morro, além de possibilitar acessos ao depósito de materiais e abrigo do gás de cozinha, facilita a manutenção das esquadrias responsáveis pela ventilação interna da residência.

A parte superior abriga os dormitórios, banheiro, suíte do casal e gabinete. É composta por ambientes que brotam de uma circulação comum, amplamente iluminada, seu desnível em relação à parte térrea é



Materiais

Com exceção do madeiramento, todo o restante da casa utiliza materiais encontrados na região: tijolo, telhas, pisos, pedras. Seu aspecto interno e externo é o resultado de variações entre a pedra bruta, o tijolo aparente, a madeira e a argamassa.

Exteriores

A área em volta da residência é unificada ao projeto através do piso que ramifica-se em todas as direções, envolvendo com seu desenho o tanque de irrigação. Definem-se espaços de lazer com o uso do caramanchão, dos jardins e do espaço em volta do antigo tanque, transformado agora, também, em local de banho.

Interiores

A intenção é criar um ambiente rústico, que evoque o aspecto familiar das antigas casas de fazenda brasileiras, utilizando materiais simples nos pequenos detalhes de acabamento, e janelas de grande abertura, captando a luz filtrada pelos beirais.

BIBLIOGRAFIA

Arquitetura Civil
Volumes 1, 2 e 3
FAUUSP e MEC-IPHAN
Textos Escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Casas Latinoamericanas
Editora Gustavo Gili

Enciclopédia da Arquitetura do Século XX
Editora Gustavo Gili

História da Vida Privada
Volumes 1, 2, 3, 4 e 5
Companhia das Letras

The Potential House
Edição Extra da Revista Japonesa A+U (1989)

PERIÓDICOS

Revista Arquitetura e Construção
Editora Abril

Revista Arquitetura e Urbanismo
Editora Pini

Revista Architectural Review
Editora EMAP

Revista Projeto Design
Editora Arco